

XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 3 – Mediação, Informação e Circulação da Informação

A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO COMO CONDUTA

INFORMATION MEDIATION AS CONDUCT

Thamiris Iara Sousa Silva - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)
Campus de Marília

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho” (UNESP) Campus de Marília

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Aborda a mediação da informação como conduta. Este trabalho é um recorte da dissertação intitulada “Competência em informação e midiática, comunidades de prática e mediação da informação: uma experiência com os integrantes do clube de leitura do Instituto Federal do Maranhão (IFMA)”. A parte aqui apresentada é resultado da busca por atender ao seguinte objetivo específico: atuar como mediadora da informação no ensino-aprendizagem da competência em informação e midiática e na vivência da comunidade de prática formada pelos integrantes do clube de leitura do IFMA. Para tanto foi adotada a técnica de observação participante no clube de leitura. Este clube foi formado por alunos do ensino médio do IFMA, um bibliotecário e duas professoras, estes últimos responsáveis pelo projeto. Foi utilizado o método de autonarrativa para descrever a minha experiência como mediadora da informação. Conclui que é possível vivenciar e reconhecer a prática de mediação da informação, e que esta é uma contribuinte como conduta a ser adotada para o ensino-aprendizagem da competência em informação e midiática e para a liderança de uma comunidade de prática.

Palavras-chave: Mediação da Informação; Clube de leitura; Competência em Informação e Midiática; Comunidades de prática.

Abstract: It addresses the information mediation as conduct. This work is an excerpt from the dissertation entitled "Information and media literacy, communities of practice and information mediation: an experience with the members of the reading club of the Federal Institute of Maranhão (IFMA)". The part presented here is the result of the search to meet the following specific objective: to act as a information mediator in the teaching-learning of Information and media literacy and in the experience of the community of practice formed by the members of the IFMA book club. To this end, the technique of participant observation was adopted in the reading club, this club was formed by IFMA high school students, a librarian and two teachers, who were responsible for the project; and the self-narrative method to describe my experience as an information mediator. I concluded that it is possible to experience and recognize the practice of information mediation, and that this is a

contributor as a conduct to be adopted for the teaching-learning of information and media literacy and for the leadership of a community of practice.

Keywords: Information Mediation; Reading club; Information and Media Literacy; Communities of practice.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte da minha dissertação intitulada Competência em informação e midiática, comunidades de prática e mediação da informação: uma experiência com os integrantes do clube de leitura do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), na qual propus o uso da teoria de comunidades de prática como estratégia para o ensino-aprendizagem da competência em informação e midiática; e a mediação da informação como conduta para quem se responsabiliza pelo ensino aprendizagem da competência em informação e midiática e liderança de uma comunidade de prática.

Neste recorte está a produção relacionada ao meu último objetivo específico: atuar como mediadora da informação no ensino-aprendizagem da competência em informação e midiática e na vivência da comunidade de prática formada pelos integrantes do clube de leitura do IFMA. A escolha por atuar como mediadora da informação nasceu da necessidade de preencher a lacuna da mediação enquanto prática, no âmbito das minhas experiências e pesquisas, e a partir deste exercício consolidar a mediação da informação como fazer. E é desta relação com a mediação da informação que entendi que a escrita da dissertação devia ser na primeira pessoa do singular; e neste artigo adoto a mesma justificativa.

A mediação da informação é definida por Almeida Júnior (2015, p. 25) como:

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

Em comunidades de prática, como abordado por Wenger, McDermott, Snyder (2002), é patente a importância da liderança, que deve ser compartilhada por toda a comunidade, ou seja, todos têm poder de interferência, logo, compreendi que para ser líder de uma comunidade de prática eu precisaria ter uma postura consciente da minha liderança (poder de interferência) e dos meus limites (sujeito informacional e sua subjetividade), ou seja, liderar baseada na mediação da informação.

Comunidades de prática é uma teoria que entende que o conhecimento é construído no coletivo e com a prática, e por isso tem como principais características a comunidade, a prática e o domínio (Wenger; McDermott; Snyder, 2002). A comunidade é um grupo que se forma a partir de interesses em comum; a prática é tudo que é produzido pelo grupo; e o domínio é o assunto que é escolhido pela comunidade para discutir e se aprofundar (Wenger; McDermott; Snyder, 2002).

Formei uma comunidade com os integrantes do clube de leitura do IFMA; nosso domínio foi a competência em informação e midiática, e nossa prática foi todo material produzido para nossos encontros e as atividades realizadas.

A competência em informação e midiática é:

[...] um conjunto de competências que empodera os cidadãos para acessar, recuperar, compreender, avaliar, usar, criar e compartilhar informações e conteúdos midiáticos de todos os formatos, usando várias ferramentas, com senso crítico e de forma ética e efetiva, para que participem e engajem-se em atividades pessoais, profissionais e sociais. (UNESCO, 2016, p. 24).

Assim, na comunidade, foram trabalhadas atividades que levavam os integrantes a compartilhar suas concepções de informação, como se apropriavam dela e também a conhecer ferramentas que nos auxiliam no acesso à informações fidedignas, bem como no exercício de nossa autonomia informacional.

Toda a minha atuação na comunidade de prática do IFMA foi baseada na mediação da informação. Ao longo do texto apresento a minha experiência como mediadora da informação, bem como minha concepção de que a teoria da mediação da informação pode ser estudada e aplicada como conduta.

2 A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO COMO CONDUTA

Na proposta inicial da pesquisa havia o objetivo específico: analisar o processo de mediação realizado pelo bibliotecário. Ao longo do mestrado ele foi alterado para: atuar como mediadora da informação no ensino-aprendizagem da competência em informação e midiática e na vivência da comunidade de prática formada pelos integrantes do clube de leitura do IFMA; a mudança é fruto de duas constatações que fiz a partir das minhas leituras sobre competência em informação e midiática e comunidades de prática.

A primeira constatação é que quem tem interesse em trabalhar com o ensino-aprendizagem da competência em informação e midiática não deve buscar se tornar

competente em informação, e sim, mediador da informação. Esclareço que não estou afirmando que a pessoa que tem desejo por trabalhar com o ensino-aprendizagem da competência em informação e midiática não precisa apropriar-se do seu conteúdo, isto é necessário, refiro-me à conduta que deve ser assumida. Colocar-se como mediador da informação ao trabalhar com competência em informação e midiática é utilizar das dimensões, perfil e demais princípios que formam a mediação da informação, para fins de uma melhor experiência de ensino-aprendizagem da competência em informação e midiática.

Eu defendo a mediação da informação como conduta. Segundo o Dicionário Online de Português¹, conduta significa comportamento ou atitude, e um de seus sinônimos é atuação, estas palavras são significativas para mim, eu decidi atuar conforme a teoria da mediação da informação, e tive atitudes dentro do clube de leitura e da comunidade de prática, e no que se refere a competência em informação e midiática, que alcançou bons resultados porque eu estava agindo a partir da ótica da mediação.

A segunda constatação é relacionada a liderança de uma comunidade de prática. Conforme me inteirei dos requisitos desta liderança entendi que ela poderia ser exercida baseada na mediação da informação, então, para ser líder da comunidade de prática também exerci a conduta de mediadora da informação.

Sobre a liderança em uma comunidade de prática Schmitt explica que (2012, p. 119)

Os líderes podem ser considerados como facilitadores, o que implica atuar em frentes diversas com o intuito de promover o bom andamento da Comunidade, e assim buscam auxiliar na construção da confiança, da coesão e de um clima positivo para as comunicações.

Eu interpreto a fala da autora sobre “atuar em frente diversas” como a consciência que o líder deve ter sobre a comunidade de prática não ser somente o momento em que os integrantes se encontram, mas também a preparação das reuniões, os assuntos que serão abordados, as estratégias que serão adotadas para gerar interação e incentivo, para que os integrantes se sintam à vontade para compartilhar seu conhecimento; logo, para que o líder tenha esta compreensão, é preciso ter um conjunto de características que podem ser baseadas no perfil do mediador da informação.

Segundo López Caldera, Silva, Pacheco e Almeida Júnior (p. 16, 2024) o perfil do mediador da informação é formado por 22 características, sendo elas: acolhedor, autocrítico,

¹Disponível em: <https://www.dicio.com.br/conduta/>.

crítico, colaborativo, consciente, curioso, democrático, empático, ético, flexível, inclusivo, investigativo, participativo, pró-ativo, problematizador, receptivo, reflexivo, resiliente, respeitoso, responsável, sensível e simpático. Além de 12 ações que acompanham o perfil do mediador, são elas: ação dialógica, alteridade, aprender a aprender, autoconhecimento, atuação contextualizada, compartilhar, escuta ativa, intencionalidade, interferência, motivador do empoderamento, protagonismo social e senso de coletividade.

As características que compõem o perfil do mediador da informação revelam que não se trata de uma atuação somente no momento em que esta ocorre, a mediação da informação é um processo que apresentará demandas diferentes, às vezes pedirá por empatia, ou por uma escuta ativa, e esta leitura de cenário também é prevista no perfil do mediador da informação, é preciso uma atuação intencional e contextualizada.

Ainda sobre a liderança na comunidade de prática, Pemberton, Mavin e Stalker (2007, p. 66, tradução própria) fazem o seguinte apontamento:

As comunidades sem liderança raramente sobrevivem à medida que os grupos se fragmentam e se perde a dinâmica. Para garantir que as questões aqui discutidas tenham o apoio da comunidade, um equilíbrio cuidadoso entre orientação e autoridade é necessária, particularmente em termos de impactos de poder, para que o grupo não seja somente o reflexo das opiniões do “líder”.²

Os autores defendem que a liderança é muito importante para a comunidade. Apesar de não ser hierarquizada e prezar por uma gestão compartilhada, é preciso ter alguém responsável pela iniciativa e manutenção do grupo; concomitante a esta importância do líder, os autores ressaltam o equilíbrio que precisa existir entre a orientação e a autoridade da liderança, até para evitar que o coletivo se descaracterize sendo apenas uma extensão dos interesses do líder; e por isso a conduta de mediação da informação se faz tão necessária.

3 METODOLOGIA

De abordagem qualitativa e do tipo descritiva-exploratória nesta pesquisa investiguei um fenômeno específico: o ensino-aprendizagem da competência em informação e midiática, que requereu outras duas teorias, comunidades de prática e mediação da informação. O

² Leaderless communities seldom survive as groups fragment and momentum is lost. To ensure the issues discussed here have the support of the community, a careful balance between guidance and authority is needed, particularly in terms of power impacts, so that the views of the “leader” are not solely reflected in the group (Pemberton; Mavin; Stalker, 2007, p. 66).

estudado foi aprofundado, considerando o contexto, as inter-relações e a subjetividade, inferindo “[...] algumas consequências sem, em geral, preocupar-se com quantificação e amostragem.”. (Oliveira, 2021, p. 12).

Teve como público-alvo os integrantes do clube de leitura do IFMA – campus Monte Castelo, adolescentes entre 16 e 17 anos estudantes do ensino médio. A escolha deste público se deu pela relação previamente estabelecida dos adolescentes com a leitura, e também pela facilidade de contatá-los; o desafio seria maior se eu tivesse que abordar um a um os alunos do IFMA.

Esclareço que não trabalhei com o clube de leitura em si, ele foi uma estratégia para acessar os estudantes, e a partir da vivência no clube formarmos uma comunidade de prática, pois o fato de estarem no clube não os faziam automaticamente integrantes da comunidade, eles foram consultados se estariam disponíveis e se concordavam em participar da minha pesquisa. Nem todos aceitaram, sendo assim, no primeiro encontro da comunidade, que ocorreu após a reunião do clube, estiveram comigo 4 alunos, se mantendo o mesmo número no segundo encontro. No terceiro e último participaram 5 alunas. Um dado interessante é que as participantes eram todas do gênero feminino.

Para ter proximidade com os integrantes do clube de leitura foi importante fazer parte dele, e para entender o trabalho dos coordenadores e mediadores do projeto eu entrei no grupo de *WhatsApp* tanto dos coordenadores quanto dos participantes do clube. Estive também em duas reuniões com os coordenadores para tomada de decisão acerca das atividades a serem desenvolvidas no clube. Esta decisão de participação é pautada na técnica de observação participante.

Segundo Proença (2007, p. 9):

[...] na observação participante o pesquisador vivencia pessoalmente o evento de sua análise para melhor entendê-lo, percebendo e agindo diligentemente de acordo com as suas interpretações daquele mundo; participa nas relações sociais e procura entender as ações no contexto da situação observada. As pessoas agem e dão sentido ao seu mundo se apropriando de significados a partir do seu próprio ambiente. Assim, na observação participante o pesquisador deve se tornar parte de tal universo para melhor entender as ações daqueles que ocupam e produzem culturas, apreender seus aspectos simbólicos, que incluem costumes e linguagem.

Assim, inserir-me no universo do clube de leitura como participante facilitou minha compreensão sobre o público com o qual eu trabalharia, bem como contribuiu para que eles me vissem como uma integrante e pudessem não se sentir constrangidos com a minha

presença, pensando que poderiam passar por algum tipo de avaliação. Isto foi importante para minha vivência com o clube e depois na formação da comunidade de prática.

Para compartilhar minha experiência busquei pelo método de pesquisa autonarrativa, também conhecido como narrativa autobiográfica. Neste método

O pesquisador não é apenas um observador, mas descreve a investigação como uma jornada para os sujeitos de pesquisa e para o pesquisador ao mesmo tempo. Ela apresenta a narrativa valorizando a percepção do pesquisador, que reconhece limitações e articula as complexidades éticas. É uma oportunidade para o pesquisador interrogar sua própria perspectiva (cultura, crença, ponto de vista, etc.) e aumentar sua experiência profissional. (Marques; Satriano, 2017, p. 374).

A autonarrativa também se mostrou como método adequado por defender que “O pesquisador, quer seja na pesquisa narrativa ou autonarrativa, não é neutro. Ele vive uma dualidade de proximidade e distanciamento, de apropriação e estranhamento, de conforto e angústia” (Marques; Satriano, 2017, p. 377), uma concepção que remete à mediação da informação e, portanto, contribui na fluidez da aplicação do método para a minha prática como mediadora da informação.

Uma das ferramentas utilizadas na autonarrativa é o diário de campo, que pode ser tanto escrito como gravado ou filmado, a fim de registrar as memórias. Eu utilizei a gravação de voz como recurso de registro e também um diário, assim, após cada encontro, fosse clube ou comunidade, eu relatava minhas impressões.

Faço uma ressalva de que por este ser um recorte da dissertação a metodologia descrita refere-se somente ao meu objetivo de atuar como mediadora e, portanto, tem como resultado a narrativa da minha experiência. Sobre a coleta de dados referentes a competência em informação e midiática e comunidades de prática, foi aplicada uma entrevista (Oliveira; Guimarães; Ferreira, 2023) em grupo via *google meet* e as respostas foram analisadas a partir do método de análise de conteúdo na modalidade categorial e a posteriore (Bardin, 1977).

4 AUTONARRATIVA: a minha conduta como mediadora da informação

Após entender a teoria da informação como conduta chegou o momento de vivenciá-la na prática, isto se deu na formação da comunidade de prática e na construção do conteúdo sobre competência em informação e midiática, e como mediação é um processo, minha atuação como mediadora se iniciou na primeira visita ao clube de leitura do IFMA e só se encerrou quando finalizei a coleta de dados, como apresento a seguir.

Particpei do clube de leitura tanto quanto os seus integrantes, por isto também a importância de usar a técnica de observação participante. Eu não pretendia passar a imagem de uma pesquisadora que fica observando em silêncio enquanto faz anotações como se estivesse avaliando o grupo. Eu precisava que eles se sentissem à vontade, por isto, li as leituras programadas para cada encontro e participei assiduamente da discussão, mostrando quando em acordo, identificação com as falas deles.

Este primeiro momento foi muito importante para a formação da comunidade de prática, na entrevista perguntei o que as motivou a participarem da comunidade, e elas responderam que a motivação principal para elas concordarem em participar da pesquisa foi o fato de me acharem legal. Elas usaram esta expressão, mas eu interpreto o legal como identificação, ou seja, se identificaram com o meu comportamento no grupo e se sentiram aptas a participar da minha pesquisa; a minha estratégia funcionou.

A compreensão do meu poder de interferência no grupo foi útil para que eu soubesse como me portar, visto que há uma distância na faixa etária entre mim e os alunos, e também a diferença de nível escolar. Eu faço estes dois apontamentos para situar o meu desafio, pois eu não estou atualizada sobre o universo dos adolescentes. Percebi que realmente estava desatualizada quando na convivência com os adolescentes os vi muito engajados em assuntos que, particularmente, não eram de meu interesse aos 16 anos.

Esta reflexão me fez compreender a seguinte afirmativa de Almeida Júnior (2015, p. 15-16, grifo próprio):

O profissional que atua nesse setor vale-se de seus conhecimentos técnicos, específicos da área de Biblioteconomia, **mas também não prescinde de seu acervo de conhecimentos gerais, de suas experiências e vivências.** Além disso, ao ingressar em seu ambiente de trabalho, **não se despe de conceitos, concepções, entendimentos de mundo ou qualquer forma de preconceito.** Não é possível exercer sua profissão apenas com um segmento, pretensamente chamado de “ser profissional”. Antes de ser bibliotecário, **é ele um ser humano e sempre atuará como um todo e não a partir de fragmentos, como se eles pudessem existir separadamente.**

Almeida Júnior refere-se ao bibliotecário que atua no Serviço de Referência, e eu aplico esta concepção do autor ao mediador da informação. Eu, enquanto mediadora da informação e pesquisadora, sabia que estava naquele clube em busca de respostas, mas não é como se eu não tivesse as minhas respostas, eu as tinha, todas baseadas no meu “acervo de conhecimentos gerais”, como denomina Almeida Júnior. E, em cada momento em que eu tinha meus “entendimentos de mundo” atravessados por outros pontos de vista, percebia

como não posso me fragmentar. Atuo sendo um todo e este fato é composto tanto de vantagens como de desvantagens.

No primeiro encontro, após a discussão sobre o conto “A máscara da morte”, falei brevemente da minha pesquisa e perguntei quem gostaria de participar; tive um total de 7 respostas positivas.

No segundo encontro do clube de leitura tive meu primeiro momento com os participantes da pesquisa, entretanto somente 3 pessoas que haviam aceitado participar da pesquisa estavam presentes, os outros integrantes do clube estavam ali por sua primeira vez; os informei da pesquisa e um integrante aceitou participar. Neste dia fiquei pensativa sobre a não constância dos integrantes do clube, e por consequência, na comunidade de prática.

Preparei o conteúdo sobre competência em informação e midiática, mas não quis utilizar de slides para que não ficasse parecendo uma aula; desta forma, para que eles acessassem o conteúdo, utilizamos os celulares e acessávamos o material pelos links por mim compartilhados no grupo de *WhatsApp* do clube de leitura.

Começamos com a apresentação minha e da pesquisa e, como introdução, perguntei: qual a relação de vocês com a informação? Quais mídias informacionais vocês costumam usar? Pensei que o ponto alto da nossa conversa seria eu falando para eles que o celular e as redes sociais são mídias informacionais, mas eles foram mais rápidos que eu, e revelaram que a busca por informação acontece primeiramente no celular e nas redes sociais; internamente, sorri da minha ingenuidade acadêmica somada ao senso comum, como falácias de que “os adolescentes não leem” ou “os adolescentes ficam o tempo todo no celular”. Talvez até fiquem muito tempo no celular, mas o interessante é que as redes sociais se tornaram fontes de informação, e os adolescentes sabem disso. Dancinha no *TikTok*? Sim. Apropriação de informação? Também.

Expliquei para eles que nossos encontros seriam baseados na teoria de comunidades de prática, e para melhor compreensão deles, começamos pela prática. Eu não tinha um perfil na rede social *TikTok*, então pedi que eles me ajudassem a manuseá-lo, baixei o aplicativo enquanto estava com eles, mas a internet estava lenta, então pedi que eles me mostrassem como usar o aplicativo no perfil deles. Primeiro eles ficaram chocados com a minha “desatualização”, depois se animaram me dando dicas de como alimentar o algoritmo para que o *TikTok* entendesse os meus gostos, e todos me advertiram sobre o perigo de ficar viciada na plataforma.

Após o aprendizado sobre *TikTok* eu expliquei para eles a finalidade desta atividade: que eles entendessem a ideia de aprender em comunidade, e para que eles percebessem como me ensinaram algo e que todos ali eram aptos a aprender e a ensinar, não havia hierarquia, e isto é comunidade de prática.

Seguindo com as explicações, lemos o texto “Cachorro gigante ou, você confia na fonte?” de minha autoria, publicado no site *Infohome*, e depois assistimos o vídeo que deu origem ao texto, que está no *instagram* do @ferdinan, intitulado “Sua mãe acredita em tudo que vê?”. Para dialogarmos sobre competência em informação e midiática utilizei estes dois recursos para que eles não se sentissem atropelados pelas definições acadêmicas e ficassem desestimulados. Houve muita identificação e eles compartilharam suas experiências que eram parecidas com a do vídeo.

Ver a dinâmica da comunidade me remeteu à dimensão dialógica da mediação da informação. Gomes (2020, p. 12) explica que:

Sem a dialogia não é possível realizar a mediação da informação. Desse modo, um mediador consciente do significado da ação mediadora, passa a considerar e desenvolver o processo dialógico, buscando observar e compreender as singularidades dos sujeitos envolvidos na ação de interferência, assegurando a todos o espaço de voz, de modo que estejam envolvidos e protagonizando a ação.

Pude verificar cada aspecto apresentado pela autora dentro da comunidade, todos emitiram suas opiniões e compartilharam experiências; a meu ver, conseguimos criar um espaço seguro para que eles se expressassem e como dito pela autora, protagonizassem a ação, porque a informação não estava centralizada em mim, eles iam interagindo entre si e gerando mais diálogos.

No segundo encontro compareceram 4 integrantes. Preocupe-me com a quantidade de pessoas, mas fui surpreendida pela participação da comunidade. Partindo do que poderia suscitar interesse nela, mediar as informações sobre competência em informação e midiática exigiu que eu fosse curiosa, precisei buscar informações que fogem ao meu interesse comum, mas fazem parte da realidade dos adolescentes; precisei ser democrática, não é porque eu já tinha algum material para trabalhar com eles que eu não poderia fazer alterações, não ser democrática resultaria em não mediação da informação; por último, acredito que fui resiliente, exercendo minha capacidade de adaptação, fosse na elaboração do material ou no

contato com a comunidade. Todas as características elencadas acima fazem parte do perfil do mediador da informação. (López Caldera; Silva; Pacheco; Almeida Júnior, 2024).

Outra relação que faço com o perfil do mediador da informação é quanto as ações que caminham lado a lado com esse perfil. Pude vivenciar a ação de alteridade, que supera a empatia, pois:

[...] a alteridade depende do reconhecimento das diferenças de forma efetiva, colocando-se, dentro do possível, nesse “lugar”, ainda que esse lugar nunca poderá ser alcançado plenamente [...] a alteridade [...] requer envolvimento e intencionalidade do mediador. (López Caldera; Silva; Pacheco; Almeida Júnior, 2024, p. 17).

As minhas reflexões eram “se eu fosse adolescente o que eu gostaria de saber sobre informação?”, “que tipo de conteúdo chamaria a minha atenção para conversar em um grupo?” Era uma tentativa de pensar como os adolescentes, reconhecer as suas diferenças em relação a mim e priorizar o que poderia ser importante para eles.

Outra ação que consta no perfil do mediador da informação é a atuação contextualizada, refletir sobre isso foi crucial para o ensino-aprendizagem da competência em informação e midiática, pois entender o contexto da comunidade como as mídias informacionais pelas quais eles buscam informação, as temáticas que chamavam a atenção deles, guiou todas as minhas estratégias, inclusive a escolha das redes sociais *TikTok* e *instagram* para esta pesquisa, pois foram as plataformas por eles citadas.

Foi na atuação contextualizada também que entendi que precisaria abordar informações que estavam em alta, que por um motivo ou outro furam as “bolhas informacionais”, foi assim que optei por utilizar manchetes de diferentes jornais e uma matéria de um jornal específico que falavam da presença da cantora Taylor Swift³ no Brasil.

Não fiz esta escolha baseada no meu gosto musical ou no da comunidade, levei em consideração que por se tratar de uma cantora da atualidade e estar no nosso país, as informações e análises dela fariam mais sentido para a comunidade, e fez. Apesar de ninguém ter se declarado fã da cantora, elas (as integrantes que participaram no segundo encontro da comunidade) estavam informadas sobre a passagem da artista pelo Brasil. Percebi que elas já tinham opiniões formadas sobre a cantora e seus shows, mas enquanto íamos lendo,

³Taylor Swift cantora e compositora estadunidense

analisando e discutindo as informações, elas se mostravam surpresas com a manipulação e sensacionalismo que podem envolver o ato de informar.

Esclareço que não houve participação da comunidade na elaboração do conteúdo por questão de tempo. Para que os integrantes pudessem opinar na construção do conteúdo a ser estudado, eles precisariam de mais encontros para amadurecerem suas ideias, e devido ao meu prazo acadêmico para defesa da dissertação e o calendário escolar, a realização desses encontros da comunidade não foi possível.

Ainda sobre a elaboração do conteúdo sobre competência em informação e midiática, acredito que também realizei a ação de intencionalidade, característica presente no perfil do mediador da informação e conceito discutido por Ferrari, Machado e Ochs (2020) e apresentado como recomendação para o ensino-aprendizagem da educação midiática ou competência em informação e midiática.

Ser intencional no ensino-aprendizagem da competência em informação e midiática consiste em: “[...] planejar, de forma intencional, um percurso pelo qual [...] os alunos são estimulados a praticar os diversos hábitos de investigação e as habilidades de expressão que caracterizam as práticas e processos da educação midiática.” (Ferrari; Machado; Ochs, 2020, p. 57). Assim, todo o material trabalhado na comunidade foi composto de elementos que suscitasse o interesse dela pela competência em informação e midiática.

No último encontro do clube de leitura, dias após o segundo encontro da comunidade, o livro lido pelo clube foi “A bibliotecária de Auschwitz”. Em determinado momento uma das integrantes do clube, que também fazia parte da comunidade de prática, falou sobre as cartas que os prisioneiros judeus tinham que enviar para suas famílias, eles eram obrigados a escrever um texto falando muito bem de Auschwitz, quando na verdade eles viviam em uma situação calamitosa.

Ao narrar esta parte do livro, a integrante falou sobre como as informações chegavam distorcidas para quem estava fora de Auschwitz. Fiz um comentário a partir da fala dela sobre como as informações podem ser manipuladas, e ela contou que enquanto lia aquela parte do livro lembrou muito das discussões sobre competência em informação e midiática que tínhamos feito na comunidade.

Para mim a fala dela foi muito satisfatória, me fez pensar sobre a apropriação que ela tinha feito das informações, e que enquanto lia um romance fez associações com a competência em informação e midiática. Claro que como mediadora da informação eu sei que

“[...] não conseguimos quantificar ou mensurar quanto de informação foi apropriada por uma pessoa [...]” (Almeida Júnior, 2015, p. 24), mas no discurso da aluna compreendi que o encontro da comunidade tinha surtido algum efeito.

Na minha atuação como mediadora da informação identifiquei mais uma ação pertencente ao perfil do mediador da informação, foi a ação de motivadora do empoderamento do sujeito no processo informacional, pois eu defendo que:

[...] o empoderamento do sujeito no universo informacional já é um quesito na competência em informação e midiática, mas percebo que este empoderamento é visto como fim, como resultado dessa aprendizagem; minha proposta é que esse empoderamento seja ponto de partida, e assim compreendamos que somos seres autônomos, formadores de nossas próprias opiniões. (Silva, 2023, local. 3).

Assim, eu iniciava os encontros da comunidade partindo dos sujeitos, os convocando para refletirem sobre seu processo informacional, os motivando a se empoderarem de sua habilidade de criticidade sobre aquilo que se apropriavam.

No último encontro da comunidade fizemos a coleta de dados, uma entrevista em grupo, que não se diferenciou da dinâmica que já tínhamos estabelecido na comunidade; apesar do roteiro as respostas não foram mecânicas, as integrantes se mantiveram participativas e interagindo umas com as outras.

A comunidade não teve dificuldade de fazer associações entre a competência em informação e midiática com a sua realidade, com o próprio processo de busca de informação, ou seja, associavam as informações ao conhecimento e às experiências prévias que já tinham, e se identificavam com as experiências compartilhadas. Acredito que consegui aplicar a teoria de comunidades de prática como estratégia de ensino-aprendizagem da competência em informação e midiática, e me posicionar como mediadora da informação foi imprescindível para que a pesquisa se concretizasse

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu objetivo de atuar como mediadora da informação no ensino-aprendizagem da competência em informação e midiática e na vivência da comunidade de prática formada pelos integrantes do clube de leitura do IFMA, foi alcançado e impactou diretamente minha formação como pesquisadora e como bibliotecária. Decidir atuar como mediadora da informação foi me comprometer de forma consciente e intencional, isso quer dizer que eu não me apoiei na “neutralidade” por vezes destinada ao bibliotecário e ao pesquisador.

A interferência da mediação da informação é real. Faço esta afirmativa porque não é exagero quando digo que eu me questionava muito sobre como é ser, como é na prática a teoria da mediação. Tinha dificuldade de materializar esta ação. Mas ao me ver, liderando a comunidade de prática e desenvolvendo um material sobre competência em informação e midiática no qual o ponto de partida é o sujeito informacional, como prega a mediação da informação, e depois ver que a comunidade se interessou pelo material que construí e que ele foi útil para nossos diálogos, ficou provado para mim que atuei como mediadora da informação, e que este objetivo foi logrado.

Acredito que tive êxito na realização desta pesquisa, mas afirmo que este é um recorte social, longe de querer estabelecer conclusões que possam generalizar os estudos sobre competência em informação e midiática, e sobre a própria mediação.

Trabalhei com um grupo pequeno de alunos, pequeno se comparado ao universo ao qual eles pertencem, o IFMA – campus Monte Castelo, e menor ainda se comparado a quantidade de alunos no estado do Maranhão e no país. Faço este esclarecimento porque acredito que esta pesquisa pode servir de base para outros pesquisadores que tenham interesses nos temas aqui abordados, mas os desafios podem ser outros.

Por fim, espero que esta pesquisa seja ponto de partida para mais estudos que apliquem a mediação da informação como conduta, bem como expandindo sua relação com a competência em informação e midiática e com a teoria de comunidades de prática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, R. J. (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 9-32.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 226 p.

CONDUTA. *In*: DICIO: dicionário on line de português. [S. l.]: 7Graus, [2024]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/conduta/>. Acesso em: 1 fev. 2024.

FERRARI, A. C.; MACHADO, D.; OCHS, M. **Guia da educação midiática**. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020. 161 p. Disponível em: <https://educamidia.org.br/guia>. Acesso em: 14 nov. 2023.

GOMES, H. F. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Inf.&Soc.:Est.**, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1-23, out./dez. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57047/32516>. Acesso em: 14 jul. 2022.

LÓPEZ CALDERA, O. M. J.; SILVA, T. I. S.; PACHECO, C. G.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. O perfil do mediador da informação: uma análise do referencial brasileiro a partir do método Delphi. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 30, 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/134738>. Acesso em: 7 jun. 2024.

MARQUES, V. SATRIANO, C. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 23, n. 51, p. 369-386, jun./set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8231>. Acesso em: 15 dez. 2023.

OLIVEIRA, A. P. W. L. C. Evolução e Classificação. In: OLIVEIRA, A. P. W. L. C. **Metodologia Científica**. Curitiba: Contentus, 2021. p. 5-12.

OLIVEIRA, S. de; GUIMARÃES, O. M.; FERREIRA, J. de L. As entrevistas semiestruturadas na pesquisa qualitativa em educação. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 24, n. 55, p. 210-236, maio/ago. 2023. DOI: 10.5965/1984723824552023210. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/21779/15785>. Acesso em: 03 jan. 2024.

PEMBERTON, J.; MAVIN, S.; STALKER, B. Scratching beneath the surface of communities of (mal) practice. **The Learning Organization**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 62-73, 2007. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/09696470710718357/full/html>. Acesso em: 17 jan. 2024.

PROENÇA, W. L. O Método da Observação Participante: contribuições e aplicabilidade para pesquisas no campo religioso brasileiro. **Revista Aulas**, Campinas, Dossiê Religião, n. 4, abr./jul. 2007. Disponível em: https://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20III/4_23.pdf. Acesso em: 14 nov. 2023.

SCHMITT, S. R. **Fatores críticos de sucesso à manutenção de comunidades de prática e suas dimensões de análise**. 2012. 170 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) - Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103420/314785.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 jan. 2024.

SILVA, T. I. S. “Cachorro gigante?” Ou “Você confia na fonte?”. **INFOhome: GP Informação: Mediação, Cultura, Leitura e Sociedade**. [S. l.], junho 2023. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/pesquisa_conteudo.php?cod=1477. Acesso em: 18 jan. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Marco de avaliação global da alfabetização midiática e informacional: disposição e competências do país: resumo executivo**. Genebra, 2016. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246398>. Acesso em: 30 jan. 2023.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

WENGER, E.; MCDERMOTT, R.; SNYDER, W. M. **Cultivating communities of practice**: A guide to managing knowledge. Boston: Harvard Business School Press, 2002. 284 p.